

Sérgio Luís de Carvalho

Dicionário de Insultos

A estranha origem e a bizarra história
dos insultos portugueses

4.^a edição

 Planeta

À laia de introdução

Insultar é uma arte. Ou, por outras palavras, insultar bem é uma arte. Deixem-me dar três exemplos que o demonstram.

Primeiro exemplo. Depois de escutar uma peça de Berlioz, Rossini terá comentado um dia:

«Esse moço, Berlioz... Ainda bem que não faz música, se não fá-la-ia da pior qualidade.»

Segundo exemplo. Um dia na década de 60, o deputado brasileiro Carlos Lacerda acabara de discursar no Parlamento. Logo um outro deputado, seu opositor, terá comentado:

«Excelência, todo o seu discurso foi inútil. Entrou-me por um ouvido e saiu pelo outro.»

Lacerda retorquiu:

«Impossível, caro colega. O som não se propaga no vácuo.»

Terceiro exemplo. Lady Astor, a primeira inglesa a ser eleita para o Parlamento, disse um dia a Winston Churchill:

«Se você fosse meu marido, dar-lhe-ia veneno...»

Ao que Churchill respondeu:

«Se você fosse minha mulher, bebê-lo-ia...»

Claro que, a bem dizer, estes ditos não serão propriamente insultos; são mais pérolas de retórica. Mas que são magníficos, disso ninguém duvida; e que achincalham quem os recebeu, também me parece

evidente. Mas não é essa a função de um insulto? E note-se que um (bom) insulto nem sequer tem de ser dirigido a alguém em especial (seja Berlioz ou Churchill) para ser um mimo. O mais belo insulto que já ouvi foi dirigido pelo humorista brasileiro Juca Chaves à humanidade em geral (ou, pelo menos, a alguns humanos): *Se o reino dos céus é dos pobres de espírito, então, meu Deus, estamos no paraíso.*

Na verdade este livro não se ocupa deste tipo de insultos frásicos – finos, verrinosos, contundentes, desarmantes e capazes de causar inveja a quem os ouve (que não à vítima, claro). Se iniciámos esta introdução citando-os, foi apenas porque quisemos cativar a atenção do leitor desde logo. Este livro limita-se a descrever a origem e a história de cerca de quinhentos insultos que todos nós conhecemos, melhor ou pior. Alguns, já os proferimos, em voz alta ou à sorrelfa; de outros já fomos alvo. Alguns, de tão elaborados, nem dão jeito proferir. Se o leitor não acredita, experimente chamar *iconoclasta* ou *sevandija* a alguém. Pegam mal, não é? Resultam com o Capitão Haddock e só no papel... Outros são comuns, brejeiros, reles mesmo. Perdem em elegância o que ganham em javardice. O facto de resultarem diz bem da decadência a que chegou a nobre e vetusta arte de achincalhar o próximo. São insultos que estão ao nível daquele provérbio árabe que afirma que *até os coelhos são capazes de insultar um leão morto.*

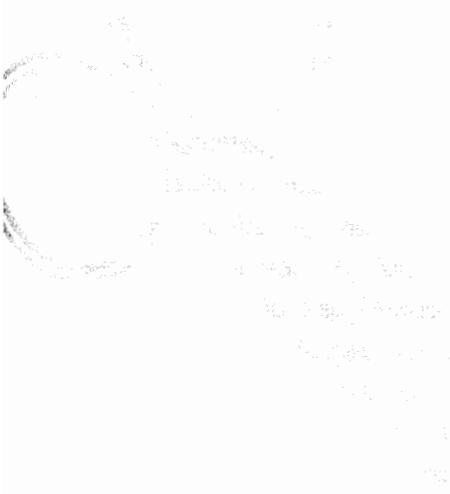
E se o leitor quiser ter um relance de como o insulto pode ser uma arte, tomo a liberdade de sugerir que passe os olhos pela longa fala de Cyrano de Bergerac, na cena 5 do primeiro ato da peça homónima. Nessa cena, e após um visconde ter insultado o seu nariz dizendo que ele era *demasiado grande*, Cyrano lança-se num longo solilóquio sugerindo variadas formas mais imaginativas e requintadas que o fidalgoote poderia usar para insultar o apêndice nasal. Um tratado...

Aqui falamos de todos eles. Ou enfim, se não de todos, pelo menos de muitos, dos mais acutilantes aos mais arredondados. E também explicamos a origem de algumas expressões que, aplicadas a alguém, são injuriosas; afinal dizer de outrem que *anda à gandaia* ou que *está com a careca à mostra* em nada abona a seu favor.

O que é, enfim, um insulto? O seu próprio étimo responde à questão. A origem da palavra *insulto* e da palavra *assalto* é similar: *insultare*, em latim, significa literalmente *saltar para cima*. Daqui vem o *assaltar* e o *insultar*. Nas línguas latinas e no inglês, os dois verbos são parecidos (*assaltar/insultar, to assault/to insult*). É até curioso notar que, no inglês medieval, o termo *to insult* significava literalmente *assaltar, atacar ou assediar militarmente...* Assim sendo, podemos dizer que um *insulto* é um dito ofensivo, indecente ou grosseiro dirigido contra alguém; um *insulto* é um *assalto* feito à honra, à fama e à dignidade de alguém.

Já agora é bom que se não confunda *insulto* com *injúria*, já que na sua origem eram coisas diferentes. A *injúria* era, entre os romanos, uma *violação do Direito (jus)* praticada sobre alguém, isto é, era uma intrínseca *injustiça*. Um *injuriado* era um *injustiçado* e não um *insultado*. Só na Europa a partir do século XII é que o termo *injúria* se aproxima do *insulto*, se bem que mesmo hoje não sejam exatamente sinónimos. Já o *insulto* era, como vimos, um *assalto*. Que esse assalto seja desferido com luva de pelica ou com luva de boxe é irrelevante; só muda o estilo. Dir-se-á, claro, que o estilo muda muita coisa. É verdade. Napoleão dizia que Talleyrand, seu ministro, *era uma bosta dentro de uma luva de seda*. Aqui temos um insulto que tem estilo e boa forma. Ora como dizia Jean Renoir, cineasta francês de bom-nome e justa fama: *a arte é a forma e nada mais que a forma*. Por mim, concordo.

Por essas e por outras é que penso que insultar bem é uma arte. E como agora regresso ao ponto de partida, já o sagaz leitor terá compreendido que aqui termino esta introdução e que é chegada a altura de começar a percorrer a longa história dos insultos portugueses.



a

Começamos pela **abantesma**, ou, como vulgarmente se diz numa daquelas tão comuns corruptelas populares, a **aventesma**, criatura que com frequência nos rodeia, sobretudo no local de trabalho, e que se caracteriza por não fazer nada mas por atrapalhar muito (definição livre). De acordo com os etimologistas, o termo *aventesma/abantesma* tem a sua origem no grego *phántasma* e que significa *espectro* ou *entidade imaginária*. Claro que, como o leitor já reparou, o étimo grego está também na origem do *fantasma*. A *aventesma* de todos os dias é, na sua origem, um ser espectral (mas materialmente chato), e quem os conhece concordará decerto. E os pescadores poveiros decerto concordariam com tal asserção, já que na mitologia dos mareantes da Póvoa de Varzim existia uma figura que é a *aventesma* (*benetesma*, no calão local) que consistia num gigantesco fastasma vestido com hábito clerical, e que se postava no horizonte do mar. E era tão alto que chegava a formar um arco no céu. Ao vê-lo, os pescadores deviam atirar-lhe um tamanco; se o tamanco passasse o arco feito pela *aventesma*, isso seria bom presságio e dever-se-ia seguir o caminho.

É curioso notar que muitas vezes, ao longo da História, as pessoas de uma cultura estranha ou de civilização desconhecida, eram apelidadas de *fantasmas*. Um exemplo é na China do século XVI e XVII, em que todos os estrangeiros sem exceção levavam roda de *fantasmas* (*gui*,

em mandarim). Para os chineses do tempo, os forasteiros quase não tinham entidade física e ainda menos moral. Eram meras *abantesmas*...

Mais curiosa ainda é a origem do insulto **aberrante**, qualificativo que designa qualquer pessoa cuja desconformidade à norma é evidente. Na verdade o *aberrante* era apenas, entre os romanos, aquele que andava sem destino (ao deus-dará, como nós dizemos). O seu termo latino era *aberratio*. Só no século XIX, segundo parece, é que o *aberrante* começou a ser visto como ser raro e desagradável. Antes, era apenas um ser estranho.

Passemos ao **abjeto**. Este é dos fortes. Tem sonoridade fina, mas casca grossa; tem ressonância clássica, mas significado reles. O *abjeto* é o indivíduo que *inspira asco ou nojo*, que dá repulsa e que sugere narinas tapadas com dois dedos. O caso não é para menos, já que na sua origem latina *abjeto* era aquilo que era jogado fora ou atirado para o lixo. Nem mais. Insulto elegante e erudito, mas cortante como faquinha em manteiga estival.

Cuidado, contudo, com a abjeção, que em cada um de nós há um lado negro (Rui Veloso chamou-lhe o *lado lunar*). Como escreveu o escritor norte-americano Joseph Heller: *Há um animal abjeto a vicejar algures dentro de mim. Tento mantê-lo oculto, subjugado, enquanto ele se tenta libertar. Não sei o que é nem a quem deseja destruir. Talvez seja a mim mesmo. E pode ser a mim que ele esteja a querer destruir.*

A meditar...

Já em relação ao **abominável**, a nossa mente pensa em homens das neves e sorrimos. Figurinha de filme de série B, é-nos difícil levá-lo a sério... Porém, fazemos mal, já que na Antiguidade este insulto era dos piorzitos. O seu étimo radica no latino *abominatio*, que designava o ato de *odiar/detestar* ou, mais genericamente, o *que causava desgosto*. Desgosto aqui visto como falta... de gosto, claro. Como aqueles filmes de fraca qualidade que falam de monstros que ninguém jamais viu. Ah,

convém dizer, ainda assim, que o governo do Nepal declarou, em 1961, que o *abominável homem das neves* existe mesmo. O turismo local agradece.

O termo **aborto** só será insulto em algumas condições particulares. Se for atirado ao rosto de alguém, designa afinal uma *pessoa feia*, bastante feia até, ou, numa asserção mais geral, *alguém que viola a natureza pela sua desconformidade ou pela sua idiotice*.

Curiosamente, o *aborto* deriva do latim *aboriri*, isto é, *nascer ou erguer-se*. Como epíteto insultuoso já era usado na Idade Média ibérica. Nessa época (pelo menos em algumas zonas da Península), o *aborto* era o feto malformado de alguns quadrúpedes. Daí para a frente é o que se viu... E que pode ser um grosso insulto prova-o aquela velha piada que dizia que fulano (pensar numa pessoa à escolha do leitor) era contra a proibição do aborto por ter medo de efeitos retroativos.

Já o **abúlico** é menos ofensivo. Será irritante, desanimador e chato, mas há coisas piores. Isto digo eu, embora reconheça que trabalhar com um pode ser desesperante. Para tão irritante defeito, é interessante saber que o étimo é grego. Provém do prefixo *a (sem)* e da palavra grega *boulé (vontade)*. E se o *abúlico* não tem vontade, provoca nos outros, amiúde, vontade de o abanar. No mínimo.

O epíteto **abstruso** deveria aplicar-se mais a textos que a pessoas, mas, enfim, por vezes as belas-letras têm caminhos ínvios. O que sucede é que o *abstruso* vem do latim *abstrusus*, ou seja, é aquilo que tem *difícil compreensão* ou que é *secreto*. Aplicado às pessoas, designará alguém que é *hermético*, árduo de entender, complicado até se tornar chato e insuportável.

Razão tinha o filósofo inglês David Hume quando garantia em 1758 que *a Natureza interdita o pensamento abstruso*.

Pode não parecer insulto, é certo, mas de alguém que está muito *atrapalhado ou abalado*, se pode dizer que está **acanaveado**. Ora isso não é propriamente um elogio...